



# Surdocego Pré- Lingüístico

Série Surdocegueira e  
Deficiência Múltipla Sensorial

## ATUALIZAÇÃO DE TERMINOLOGIAS E DEFINIÇÕES

Segundo a DbI DeafBlind Internacional desde 1999 foi definido que as terminologias surdocegueira pré-linguística e pós-linguísticas, foram modificadas para surdocegueira congênita e surdocegueira adquirida, em virtude de que as terminologias pré-linguística e pós-linguísticas referem-se ao período de linguagem.

Sendo assim neste material pedimos que ao ler **surdocegueira pré-linguística** leia-se ***surdocegueira congênita***.

Como também os termos \* –

- ✓ Surdocego leia-se pessoa com surdocegueira
- ✓ Surdocego pré-linguístico para pessoa com surdocegueira congênita.
- ✓ Surdocego pós-linguístico para pessoa com surdocegueira adquirida

\*Observação: Estamos respeitando a convenção da ONU ratificada pelo Brasil em 2006.

© 2002

Grupo Brasil de Apoio ao Surdocego  
e ao Múltiplo Deficiente Sensorial

**Organizadores:**

Dalvanise de Farias Duarte  
Fatima A A Cader Nascimento  
Lilia Giacomini  
Margareth de Sousa  
Shirley Rodrigues Maia

**Colaboradores:**

Denise Teperini Dias  
Laura Lebre M. Ancillotto  
Maria Inês Petersen  
Rafael Soar  
Rita de Cassia S. Cambuzzi  
Rosineide Andrade Soares  
Solange T.C. Keller

**Publicação:**

Grupo Brasil de Apoio ao Surdocego  
e ao Múltiplo Deficiente Sensorial

**Apoio:**

Petróleos Ipiranga, Software AG Stiftung

**Fotos:**

Arquivo AHIMSA e Grupo Brasil de Apoio ao Surdocego  
e ao Múltiplo Deficiente Sensorial

**Impressão:**

Ciclo Press Gráfica & Fitolito

**Tiragem:**

5000 exemplares  
Distribuição Gratuita

**Ano:**

2005

**Doações-Grupo Brasil**

Banco Itaú 341  
agência - 0081  
conta corrente - 84472-2

# Sumário

Prefácio .....	4
Apresentação .....	5
1. A Questão da Terminologia .....	6
2. Definição .....	6
3. Etiologias .....	7
4. Classificação .....	8
4.1. Quanto a perda .....	9
4.2. Quanto a funcionamento .....	9
5. Características dos Comportamentos que Podem Ser Observados em Crianças Surdocegas Pré-Lingüísticas .....	10
5.1. Crianças com comportamento hipoativo .....	10
5.2. Crianças com comportamentos hiperativos .....	10
6. Aspectos Fundamentais no Desenvolvimento da Comunicação .....	11
6.1. Desenvolvimento da Comunicação em Crianças Surdocegas .....	12
6.2. Comunicação Receptiva e Expressiva .....	14
6.2.1. Algumas Formas que Facilitam a Recepção das Informações Pelas Crianças Surdocegas .....	14
A) Comunicação Básica .....	14
B) Comunicação Mais Complexa .....	15
6.2.2. Algumas Formas que Facilitam a Expressão das Informações pelas Crianças Surdocegas .....	16
A) Comunicação Básica .....	16
A1) Comunicação por Reconhecimento .....	16
A2) Comunicação Contingente .....	16
A3) Comunicação Instrumental .....	16
A4) Comunicação Convencional .....	17
B) Comunicação Mais Complexa .....	17
B1) Comunicação Simbólica Emergente .....	17
B2) Comunicação Simbólica .....	17
6.3. Como Elaborar um Sistema de Comunicação Eficaz ....	18
6.4. Declaração dos Direitos de Comunicação .....	19
7. Aspectos Relevantes para o Desenvolvimento da Aprendizagem da Pessoa Surdocega Pré-Lingüística ..	20
7.1. Aprendizagem da Criança Surdocega .....	20
7.1.1. O professor deve estar atento para .....	20
7.1.2. Interação do aluno com o seu ambiente .....	20
7.1.3. Como o aluno recebe e processa informações .....	21
7.1.4. Como é a atenção do aluno .....	21
7.1.5. Que tipo de ajuda é mais eficaz para o aluno .....	22
7.2. Programa Educacional .....	22
7.2.1. O Papel do Educador .....	23
7.2.2. Ambiente de aprendizagem .....	23
7.2.3. Centrar-se no aluno .....	24
7.2.4. Conhecer a história médica do aluno .....	24
7.2.5. Adaptações necessárias .....	25
7.2.6. Currículo .....	25
Referências Bibliográficas .....	26
Rede de Instituições Parceiras .....	29

# Prefácio

*Conviver com a Surdocegueira é se defrontar com um mundo totalmente diferente e muito rico de experiências, exigindo conhecimento de técnicas específicas para que se possa desbravá-lo com mais habilidade e eficiência.*

*A Surdocegueira no Brasil ainda é um campo quase que totalmente desconhecido. A bibliografia é escassa, assim como os programas de atendimento especializado ao Surdocego e ao Deficiente Múltiplo Sensorial. Sendo assim o Grupo Brasil de Apoio ao Surdocego e ao Deficiente Múltiplo Sensorial, organizou a série Surdocegueira e Deficiência Múltipla Sensorial.*

*O Grupo Brasil é composto por profissionais especializados, pessoas com surdocegueira, famílias, instituições de e para pessoas com Surdocegueira e Deficiência Múltipla.*

*Cientes de que a divulgação desses temas é um dever, como também as informações sobre os programas de atendimento e as diferentes formas de comunicação que possibilitam a essas pessoas ter acesso ao mundo, esperamos que com essa série a população brasileira possa ter mais acesso a informações e serviços de Educação, Socialização e Comunicação das Pessoas com Surdocegueira e Deficiência Múltipla.*

*Esperamos que esses esclarecimentos sejam um estímulo para o leitor apaixonar-se por esses temas.*

*Grupo Brasil*

# Apresentação

O Grupo Brasil de Apoio ao Surdocego e ao Múltiplo Deficiente Sensorial desenvolve o Programa "SEMEAR" que tem por objetivo divulgar e informar sobre a Educação do Surdocego e do Deficiente Múltiplo Sensorial em âmbito nacional, visando a implantação e multiplicação de atendimento, elaborou com carinho esta publicação sobre a Educação do Surdocego e Deficiente Múltiplo Sensorial.

O reconhecimento da Surdocegueira como categoria é uma meta que desejamos alcançar, seguindo os exemplos de alguns países Latino-Americanos e também da Europa e Estados Unidos.

Desde de 1991, através da exposição do Sr. Salvatore Lagati em Orebro Suécia, na IX Conferência Mundial da Dbl-Deafblind International, na qual apresenta a surdocegueira não como a simples somatória da surdez e a deficiência visual, mas sim uma deficiência singular que apresenta concomitantemente a deficiência auditiva e visual em diferentes graus, justificando assim, o seu reconhecimento. A pessoa surdocega utiliza várias formas de comunicação para interagir, acessar as informações e desenvolver técnicas de orientação e mobilidade para explorar e conhecer o seu ambiente.

As terminologias Surdocegueira e Pessoa Surdocega estão sendo usadas sem o hífen para que a surdocegueira seja reconhecida assim, como uma categoria.

Este volume traz, em linhas gerais, informações sobre surdocegos pré-lingüísticos e pontos importantes na vida e educação dessas pessoas.

Esperamos que você tenha uma boa leitura!



# SURDOCEGUEIRA

## 1. A Questão da Terminologia

A terminologia utilizada para nomear as pessoas com dupla privação sensorial foi sendo modificada ao longo da história dos atendimentos e serviços educacionais oferecidos a esta população. Dentre as mudanças na nomenclatura, podem ser citadas: dupla privação sensorial; múltipla privação sensorial (MPS), deficiência audio-visual (DAV), deficiência auditiva e deficiência visual (DA/DV), surdez-cegueira; surdo-cego e, atualmente, surdocegueira (Cader-Nascimento, 2002).

A utilização do termo surdocegueira deve-se ao fato dos efeitos dos comprometimentos sensoriais na pessoa serem multiplicativos e não apenas aditivos. Segundo Lagati (1995), a palavra "surdo-cego" está sendo abandonada em defesa de que a condição imposta pela surdocegueira não é simplesmente a somatória de duas deficiências e sim uma dificuldade com características únicas que deve ser tratada de modo especial, em função das dificuldades que as pessoas surdocegas tem para contatar o mundo e conseguir inserir-se nele.

## 2. Definição

A surdocegueira é uma deficiência singular com distintos graus de perdas visuais e auditivas. Há casos com comprometimentos associados como: físicos, cardíacos e outros. Estes déficits assumem dimensões multiplicativas únicas no desenvolvimento, interferindo nas interações no ambiente. O déficit auditivo e visual, em graus distintos, acarreta sérios problemas de comunicação, mobilidade e acesso à informação (Write, 1987).

Neste contexto, a criança surdocega pré-lingüística não adquire uma imagem real do mundo em que vive; não pode aprender de imediato com as pessoas que convive, o que estas fazem ou falam. Provavelmente, não saberá o que tem ao seu redor, o que se passa e nem sequer saberá que faz parte do mundo. A superação desta condição é possível através de estimulação e atendimentos educacionais específicos, especializados e, muitas vezes, individualizados. Na ausência destes, a criança surdocega apresentará dificuldades na formação de conceitos sobre a existência e as funções da linguagem e de suas ações no ambiente (Grupo Brasil, 2000). Sem intervenção é provável que o mundo da

criança surdocega seja seu próprio corpo, nada existindo fora de si mesmo (Grupo Brasil, 2001).

Telford e Sawrey (1988) destacam que a diferença básica entre o surdo, o cego e o surdocego é a consciência da função da linguagem. Enquanto o surdo vê e o cego ouve os efeitos da comunicação no ambiente, o surdocego “não tem nenhuma consciência da linguagem - seja de sua existência, seja de suas funções” (p.502). Esse é o desafio que precisamos assumir juntos, só com nossa união e trabalho poderemos reverter esse quadro. É preciso amar, instruir, acreditar, intervir e trabalhar juntos para vencermos o isolamento da surdocega.

### 3. Etiologias

As causas da surdocegueira estão vinculadas, segundo Dantona (1977) e Monteiro (1996), às anomalias de desenvolvimento, à infecção transplacentária, às infecções neonatais, aos erros inatos do metabolismo, aos traumatismos e a síndromes. O Quadro I e Quadro II, apresentam as principais etiologias da surdocegueira.

**Quadro I - Etiologias segundo o período de incidência**

Pré-Natais	Peri-Natais	Pós-Natais
Rubéola		Meningite
Citomegalovírus	Prematuridade Ototóxica	Medicação
Aids	Falta de Oxigênio	Otite Média Crônica
Herpes	Medicação Ototóxica	Sarampo
Toxoplasmose	Icterícia	Caxumba
Sífilis congênita		Diabetes
Fator RH		Asfixia
<b>Anomalias Congênicas Múltiplas</b>		<b>Outras</b>
Associação Charge		Acidente
Abuso de drogas da mãe		Encefalite
Síndrome do Alcoolismo Fetal		AVC
Hidrocefalia		Consagüinidade
Microcefalia		

## Quadro II - Síndromes mais comuns

SÍNDROMES	
Down	Marfan
Usher	Hallermann-Streiff
Trissomia	Albinismo e surdez
Goldenhar	Shrintzen
Osteogênese Imperfeita	Stickler
Altron	Dissotosis Mandíbulo Facial
Kearns-Lavre	Morquio
Bardet Biedel	Carpenter
Halligren	Weill marchesani
Flyn Airel	Shartz-Jampel
Cockayne	Homocistinesia
West	Medul-Gruber
Waardenburg	Demedul-Gruser
Apert	Marshal

Obs.: A Rubéola é uma doença universalmente endêmica, principalmente no inverno e na primavera, parece ser cíclica ocorrendo epidemias a cada sete ou dez anos (Kirk e Gallagher, 1991). Munroe (1999), cita que 80,2% dos casos de surdocegueira do Canadá são decorrentes da rubéola. O Ministério da Saúde (Brasil, 2001), afirma que "no período de 1993 a 1996, cerca de 50% dos casos descartados de sarampo foram diagnosticados como rubéola (...). Em 1993, foi observado um aumento da incidência da doença em várias unidades federadas, influenciando na decisão de incluir a vacina tríplice viral no esquema básico de vacinação..." (p.73). É possível prevenir a rubéola através da vacinação, evitando problemas e efeitos futuros.

## 4. Classificação

A classificação é um procedimento formal e tem sua utilidade na definição de programas, métodos e recursos educacionais a serem adaptados ou selecionados no trabalho com pessoas surdocegas (Cader-Nascimento, 2002). No entanto, conforme lembram Telford e Sawrey (1988), jamais poderão substituir as informações inerentes à pessoa surdocega em estudo.

Na classificação das pessoas surdocegas não importa o tipo e a intensidade das perdas, mas sim a funcionalidade das mesmas. Quanto ao surgimento, Freemann (1991) define dois períodos distintos da surdocegueira: pré-lingüístico e

pós-lingüístico. Independente do momento que surgiu, ambos os casos, pré e pós-lingüístico, alteram o desenvolvimento e interação da pessoa no ambiente, necessitando portanto, de atendimento especializado. Em geral os surdocegos podem ser classificados em grupos distintos. Em todos os casos a surdocegueira poderá acontecer antes ou depois da aquisição da linguagem. A classificação mais geral é:

## **4.1. Quanto a perda**

- a) surdocego total;
- b) surdez profunda associada com baixa visão;
- c) surdez severa associada com baixa visão;
- d) surdez moderada associada com baixa visão;
- e) surdez moderada associada a cegueira;
- f) pessoas com vários comprometimentos parciais.

Embora há grupos heterogêneos de pessoas surdocegas, todas partilham o desafio da aprendizagem da comunicação e a superação das implicações decorrentes da combinação dos déficits da audição e visão.

## **4.2. Quanto a funcionamento**

Segundo Maia (2004):

### **Baixo nível de funcionamento**

Agrupa crianças, jovens e adultos que tenham sua comunicação limitada a aspectos básicos, devido o comprometimento severo de suas vias perceptuais dos sentidos de distância para alcançar a "motivação cognitiva". Ou seja, o comprometimento severo dos sentidos de distância interfere no impulso ou desejo para interagir e aprender sobre o ambiente.

### **Nível médio de funcionamento**

Agrupa crianças, jovens e adultos capazes de interessar-se pelo mundo através dos resíduos das vias perceptuais dos sentidos de distância. São capazes de generalizar estratégias para resolução de alguns problemas da vida cotidiana e de levar uma vida semi-independente.

### **Alto nível de funcionamento**

Agrupa pessoas surdocegas sem outro comprometimento cognitivo que não seja a própria surdocegueira e que demonstram estratégias de resolução de problemas e interesses. São capazes de levar uma vida e aprendizagem normal com as ajudas necessárias.

## **5. Características dos Comportamentos que Podem Ser Observados em Crianças Surdocegas Pré-Lingüísticas**

McInnes e Treffry (1997) ao descreverem crianças surdocegas ou múltiplas que nasceram ou adquiriram a deficiência antes da aprendizagem da linguagem, afirmam que estas poderão ser classificadas em dois grupos.

### **5.1. Crianças com comportamento hipoativo**

O primeiro grupo é formado por crianças com comportamentos hipoativo, como:

- a) distanciam-se do ambiente, através de movimentos estereotipados de mãos e dedos; balanceio rítmico do corpo;
- b) isolam-se do contato de pessoas e do ambiente, podendo apresentar desinteresse pelo ambiente e por formas convencionais de comunicação; desinteresse na exploração e manipulação de objetos, brinquedos, pessoas e ambientes; apresentam indiferença a sons ou a vibrações;
- c) evitam-se comunicar com outras pessoas, não buscam a comunicação;
- d) apresentam distúrbios na alimentação (rejeição de alimentos sólidos)

### **5.2. Crianças com comportamentos hiperativos**

O segundo grupo de crianças surdocegas, descritos por McInnes e Treffry (1997), apresentam comportamentos hiperativos, como:

- a) apresentam-se atraídos por locais com claridade intensa (janela, luz solar, lâmpada etc);
- b) movimentam constantemente, apesar de apresentar dificuldades na locomoção (tropeça, esbarra nos móveis e pessoas, rasteja), elas dificilmente param;
- c) evitam contato visual, mas apreciam aproximar os objetos dos olhos;
- d) apresentam defesas táteis, isto é, não aceita toques no próprio corpo;
- e) contraem as pálpebras na tentativa de enxergar melhor (acomodação visual);

- f) apresentam comportamentos de auto e hetero-agressão;
- g) fazem uso dos sentidos remanescentes na exploração do ambiente, tem o hábito de levar tudo à boca;
- h) podem apresentar distúrbio na alimentação (rejeição de alimentos sólidos);
- i) apresentam dificuldades em discriminar sinais realizados por outras pessoas e objetos entregues para exploração.

## 6. Aspectos Fundamentais no Desenvolvimento da Comunicação

A ênfase deste tópico refere-se à definição de termos inter-relacionados e inerentes a compreensão do desenvolvimento da comunicação. Desta forma, não é possível abordarmos o tema comunicação, sem falarmos sobre os conceitos de linguagem, língua, fala e comunicação.

Linguagem é um sistema simbólico básico de todos os grupos humanos. Este sistema representa a capacidade humana de produzir seqüências que transmitam significados. Neste processo, são utilizados variados recursos para expressar idéias, sentimentos, modos de comportamentos próprios de uma cultura específica. A linguagem é um patrimônio cultural construído pelos homens ao longo da história da humanidade. Segundo Vigotski (1988) a linguagem é a ferramenta que impulsiona o desenvolvimento das funções mentais superiores (memória voluntária, atenção voluntária). É através da linguagem que o homem cria e transforma o mundo em que vive, constitui e produz sua história.

Segundo o dicionário Aurélio língua é o conjunto das palavras e expressões usadas por um povo, por uma nação de uma determinada região, segundo a unidade geográfica da mesma. A língua constitui-se de um conjunto de regras gramaticais que permitem seu registro tornando-a imortal (Storig, 1990). A língua otimiza e maximiza o exercício da linguagem, pois permite a troca de informações do homem com seu ambiente físico e humano (Cader e Costa, 2000). Fala é uma ação que inclui componentes fisiológicos e lingüísticos na produção verbal. A fala é uma das manifestações da linguagem. Para Vigotski (1988), a fala assume um papel organizador do pensamento, desempenha uma função no planejamento e execução de uma dada ação, com isso exerce uma função instrumental na organização do comportamento.

Segundo McInnes e Treffry (1997) a comunicação pode ser sistematizada como uma tentativa de acessar uma informação, de organizar e impor ordem no ambiente próximo.

A comunicação viabiliza a interação da pessoa com o mundo e abrange a fala e a linguagem, porém não se limita a eles. Segundo Law (2001), a comunicação permite expressar nossa intenção de obter e compartilhar informações sobre várias situações, eventos, pessoas, experiências. Orelowe e Sobsey (1991), destacam que a comunicação é um processo de troca de informações usado por parceiros para influenciar o comportamento dos outros.

Cader-Nascimento (2002) destaca que a "comunicação ocorre por meio da linguagem corporal, por gestos expressivos, indicativos e demonstrativos, através de processos convencionais determinados culturalmente (fala, signos, símbolos, escrita, sinais), por aparelhamento técnico especializado sonoro, visual ou vibratório", objetivando um bom entendimento de um processo interativo.

## **6.1. Desenvolvimento da Comunicação em Crianças Surdocegas**

A visão e a audição têm um papel importante e determinante na comunicação. O papel do sentido visual consiste em:

- proporcionar a criança apreensão do concreto;
- permitir a ter acesso ao mundo à sua volta;
- despertar curiosidade que a faz movimentar-se e explorar o ambiente;
- proporcionar a criança reconhecer os objetos e faces familiares;
- permitir a noção de espaço.

O papel da audição no desenvolvimento da comunicação consiste em:

- permitir a manutenção do contato fora do campo visual;
- permitir o desenvolvimento da codificação que associada à experiência possibilita o desenvolvimento da capacidade simbólica;
- possibilitar o desenvolvimento da seqüência dos turnos de comunicação e através desta a noção de tempo;
- permitir a apreensão progressiva do mundo, ampliando e desenvolvendo a capacidade de comunicar.

Segundo McInnes e Treffry (1997), o desenvolvimento da comunicação em crianças surdocegas só será possível na medida em que esta perceber os efeitos de suas tentativas prévias de interação com o ambiente humano e físico.

Neste contexto, para as crianças surdocegas comunicar é mais do que ser capaz de falar ou de ter linguagem. É conquistar espaço interferindo no ambiente, percebendo os efeitos de suas intenções comunicativas nas interações compartilhadas com o mediador. Assim, a realização de pequenos movimentos, riso, choro, o ato de apontar, dirigir o olhar para algum objeto são formas de comunicação não simbólicas utilizadas pelas crianças para expressar suas necessidades buscando compartilhar informações. Por isso, é importante que todos os mediadores observem e dêem significados a todas as formas de comunicação utilizadas pela criança. Somente assim, será possível otimizar e maximizar o potencial de comunicação. Para isso, é muito importante que se desenvolva a intenção comunicativa. O ato de levantar um braço ou o piscar de olhos, pode ser movimentos, de início, não intencionais de comunicação. Mas, podem se tornar intencionais através do significado dado ao movimento pelo mediador. Desta forma, a criança aprende gradualmente a usá-los significativamente.

A comunicação com a criança surdocega precisa ser natural, contextualizada e estabelecida por meio de atividades funcionais e organizadas com a finalidade de estruturar seu mundo, em lugar, tempo e pessoas. Para isso, o calendário de

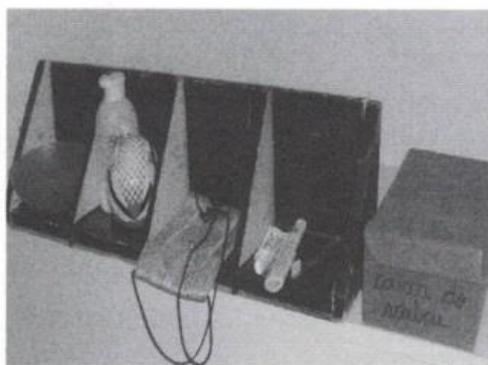


foto1

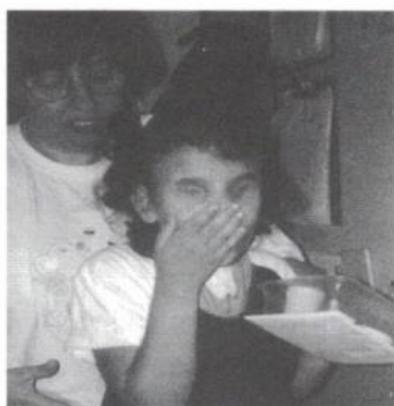
comunicação (foto1) é uma estratégia importante na organização da rotina diária, possibilita a antecipação das

atividades através de objetos (foto2) que dêem referência e antecipe as atividades que serão desenvolvidas. Este será um apoio indicativo e demonstrativo, para a criança, da programação que irá acontecer em seu dia.



foto2

Os objetos de referência (*foto3*) devem fazer parte das atividades para que sejam compreendidas e incorporadas na rotina da criança dando-lhes significado. Inicialmente estes **objetos** devem ser **concretos**, e para ampliar o grau de simbolização, esses objetos deverão ser aos poucos **substituídos** por **partes** do objeto, pelo seu **contorno** realizado a partir do objeto real com a participação da criança.



*foto3*

É preciso motivar a criança a ter vontade de comunicar-se, para tanto existe alguns aspectos fundamentais:

- trocar informação com alguém;
- ter alguma coisa para transmitir;
- ter alguém a quem transmitir;
- ter uma forma para poder transmitir

Com isso a comunicação será bem sucedida, pois tem CONTEXTO, CONTEÚDO, FORMA E PARCEIROS.

## 6.2. Comunicação Receptiva e Expressiva

Na comunicação com crianças surdocegas é preciso considerar a **Comunicação Receptiva e a Expressiva**.

- A comunicação receptiva é um processo de recepção e compreensão de mensagens. A comunicação expressiva implica na emissão e envio de uma mensagem para outra pessoa de forma a fazer com que alguma coisa aconteça ou interromper o que está acontecendo. Geralmente, as crianças surdocegas são mais receptivas que expressivas, sendo que este aspecto do desenvolvimento da comunicação é variável de criança para criança.

### 6.2.1. Algumas Formas que Facilitam a Recepção das Informações pelas Crianças Surdocegas

#### A) Comunicação Básica:

- **Pistas de contexto** - Ocorrem na hora das atividades. Ex: um relógio que toca. O cheiro do comida na hora do almoço.

- **Pista de movimentos ou gestos táteis:** É um movimento mais padronizado que significa aquela atividade. Ex: levar a mão da criança à bola, dizendo que ela vai brincar. (foto4)



foto4

- **Pistas táteis:** Tocar o corpo da criança com a área relacionada a atividade. Ex: Tocar os lábios da criança para indicar "abre a boca para comer".
- **Pistas de objetos:** São objetos reais que vão ser utilizados no desenvolvimento das atividades. Ex: colher para comer.
- **Pistas gestuais:** São expressões corporais normalmente utilizadas na comunicação. Ex: balançar uma das mãos para dizer adeus.

## B) Comunicação Mais Complexa

- **Pistas de imagens/desenhos de contorno/outros símbolos tangíveis:** Usadas principalmente quando a criança tem resíduo visual. Ex: desenho ou contorno do copo - para indicar que vai beber água

- **Sinais gestuais e táteis:** (foto5)

Expressos através da LIBRAS ou gestos naturais, que devem ser feitos bem próximo do campo visual da criança, ou em contato com o corpo da criança,



foto5

quando sua visão é bem reduzida ou quando não tem visão. Quando a criança é totalmente cega, mas tem condições para compreender LIBRAS ou alfabeto manual, usa-se a modalidade tátil, colocando as mãos do receptor em cima das mãos do emissor, de forma que esta possa sentir e decodificar a seqüência dos movimentos de cada sinal ou letra do alfabeto.

- **Fala:** Este modo de expressão deve acompanhar todas as outras formas de comunicação. Mesmo que a criança não ouça a fala, pode perceber a informação através de movimentos e expressões faciais realizadas durante a produção verbal da pessoa que fala.

- **Palavras escritas/braille:** Utilizadas por crianças e adultos que compreendam ou tenham adquirido uma linguagem.

## 6.2.2. Algumas Formas que Facilitam a Expressão das Informações pelas Crianças Surdocegas

A comunicação expressiva tem formas diferentes nas crianças surdocegas, estas podem ser expressões faciais, gestos, sinais, tábuas de comunicação etc.

### A) Comunicação Básica

#### A1) Comunicação por Reconhecimento

- **Expressões faciais:** Indicando prazer ou desprazer.  
Ex: Abre a boca para pedir mais, faz caretas quando está molhado.

#### A2) Comunicação Contingente

- **Vocalizações:** Indicando prazer, desconforto ou ansiedade. Ex: Faz um som "u" baixinho quando está sendo embalado.
- **Movimentos corporais:** A criança pode utilizar movimentos amplos para expressar pedidos, inicialmente podendo ser protesto ou pedido de "mais".  
Ex: Vira a cabeça para o outro lado quando não gosta da comida.
- **Interruptor de chamada (controle físico):** Objetos de causa e efeito.  
Ex: Puxa a corda de um interruptor para acender a luz.

#### A3) Comunicação Instrumental

- **Tocar a pessoa:** Mostrar para as crianças surdocegas que as pessoas à sua volta podem controlar os resultados dos seus comportamentos.  
Ex: Empurrar o irmão para dizer "deixe-me em paz".
- **Manipular a pessoa:** Levar a pessoa em direção a si próprio ou a um objeto que deseje.  
Ex.: Puxa a mão do pai em direção a barriga, para que ele lhe faça mais cócegas.
- **Tocar um objeto:** Escolher entre dois ou mais objetos para expressar uma escolha.  
Ex: Tocar nas chaves (para ir passear de carro) em vez de pegar o triciclo.

## A4) Comunicação Convencional

- **Estender um objeto:** Para que lhe dêem alguma coisa em troca.  
Ex: Estende o copo para que lhe dêem mais leite.
- **Gestos simples:** Os gestos simples de comunicação.  
Ex: Diz "Adeus", faz o gesto de "Acabou"
- **Apontar:** É importante ensinar esta maneira de comunicar, desde que a criança tenha capacidade visual e motora para realizá-los e compreender seus efeitos e funções.  
Ex: Aponta para a porta quando quer ir à rua.
- **Comunicação com dois ou mais interruptores** - Aplica-se quando a criança já tem a capacidade de fazer uma escolha entre dois objetos. Assim ela vai ter a capacidade de acionar um entre vários interruptores que ativam mensagens diferentes num gravador, por exemplo.  
Ex: Seleciona um dos três interruptores para escolher o alimento que vai comer.

## B) Comunicação Mais Complexa

### B1) Comunicação Simbólica Emergente

Começa a comunicação com contextos mais abstratos.

- **Gestos formais:** Quando a criança já desenvolveu os gestos naturais.  
Ex: Gesto de "quero", gesto de "vem cá".
- **Objetos em miniatura:** Quando a criança já é capaz de associar pistas de objetos com pessoas e atividades. Ela, também, poderá começar a expressar o que quer ou precisa por meio de objetos de referência em miniatura.  
Ex: Escolhe e dá ao professor um carrinho para indicar que quer ir ao supermercado. Isto ocorre quando a criança tem resíduo visual e uma boa compreensão.
- **Imagens e desenhos de contorno:** Se a criança tem condições para ver e compreender estes símbolos poderemos usá-los para aumentar o seu vocabulário.  
Ex: Selecionar a foto do balanço, para dizer "quero ir ao balanço".

### B2) Comunicação Simbólica

- **Língua de Sinais**  
Ex: Gestos convencionais.(foto6)
- **Símbolos não vocais**  
Ex: Registro escrito.
- **Sistemas Eletrônicos**  
Ex: Computador.
- **Sistema Braille.**



foto6

- **Fala / oralização:** Se tiver condições de ser usado um sistema eletrônico com saída de fala.

## 6.3. Como Elaborar um Sistema de Comunicação Eficaz

Para ser elaborado um programa de comunicação eficaz para crianças surdocegas, tem que se levar em consideração:

- capacidades visuais e auditivas;
- capacidades motoras;
- desenvolvimento cognitivo.

Toda comunicação resulta da aprendizagem ativa. Todas as pessoas no ambiente da criança surdocega devem responder as suas solicitações de comunicação, serem consistentes e lhe oferecerem oportunidades diferentes de comunicação.

A criança surdocega pode comunicar, se:

- estivermos atentos a todos os movimentos realizados pela criança, interpretando-os adequadamente;
- através dos pais, que são os seus verdadeiros canais de comunicação;
- respeitarmos suas tentativas de comunicação, evitando frustrações desnecessárias;
- houver oportunidades de transmitir seus desejos e sentimentos;
- houver meios alternativos para facilitar sua comunicação;
- proporcionar-lhes oportunidades de formar uma idéia do mundo que a cerca, sendo seu parceiro na comunicação, interpretando e traduzindo esse mundo;
- houver oportunidades de maximização de seu resíduo visual, auditivo e demais sentidos remanescentes. (foto7)



foto7

## 6.4. Declaração dos Direitos de Comunicação

“Todas as pessoas, independentemente da extensão e complexidade das suas deficiências, têm o direito de influenciar, através da comunicação, as suas condições de existência. Além deste direito básico, há vários direitos de comunicação que deverão ser assegurados nas suas interações diárias. São eles:

1. O direito de solicitar objetos, ações, acontecimentos, pessoas e de exprimir preferências pessoais e sentimentos.
2. O direito a que lhe sejam dadas alternativas e oportunidades de escolha.
3. O direito de rejeitar ou recusar objetos, acontecimentos, ações, incluindo o direito de rejeitar ou voltar atrás em todas as preferências.
4. O direito de pedir e obter atenção a partir da interação com a outra pessoa.
5. O direito de pedir feedback ou informação em relação a uma situação, objeto, pessoa ou outro acontecimento de interesse.
6. O direito a um programa e intervenção ativos que possibilitem as pessoas com deficiência a comunicação das mensagens referidas acima usando os modos que lhe sejam acessíveis e de forma tão eficiente quanto as suas capacidades o permitam.
7. O direito de ver os seus atos de comunicação reconhecidos e respondidos mesmo que a intenção desses atos não encontre resposta total junto ao interlocutor.
8. O direito a ter acesso a qualquer sistema de comunicação alternativa ou aumentativa a qualquer momento e a ter esses sistemas sempre em condições de funcionamento.
9. O direito a contextos ambientais, interações e oportunidades que dêem às pessoas com deficiência encorajamento e possibilidades de comunicação que lhes permitam ser parceiros de comunicação com outras pessoas, incluindo os colegas.
10. O direito de ser informado sobre as pessoas, coisas e situações no seu ambiente próximo.
11. O direito de receber comunicação de uma forma que reconheça e dê importância à dignidade da pessoa a quem nos dirigimos, incluindo o direito a ser parceiro nas trocas comunicativas que se lhe referem quando estiver presente.

12. O direito a receber comunicação de forma que lhe sejam significativas e compreensíveis.”

“National Joint Committee for the Communication needs of Persons With Severe Disabilities (1992). Guidelines for Meeting the Communications Needs of Persons with severe Disabilities. ASHA, 34 (March,supp.7)1-8.”

## **7. Aspectos Relevantes para o Desenvolvimento da Aprendizagem da Pessoa Surdocega Pré-Lingüística**

Nem todas as pessoas aprendem da mesma forma. No caso da criança surdocega é muito importante saber de que forma ela processa a informação que recebe e o tempo que necessita para dar uma resposta. Isto vai permitir ao educador desenvolver o trabalho educacional e, também, irá orientá-lo para organizar o ambiente na realização das atividades educacionais.

### **7.1. Aprendizagem da Criança Surdocega**

#### **7.1.1. O professor deve estar atento para**

- a) Considerar as características da criança, pois algumas são mais inibidas e passivas e outras são mais ativas. Esses comportamentos podem ser influenciados pelos valores culturais que fazem parte de seu ambiente familiar.
- b) Saber quais são as expectativas da família e suas prioridades. Quais são as recomendações dos demais profissionais que possam estar trabalhando com ele.

#### **7.1.2. Interação do aluno com o seu ambiente**

- a) Quais as estratégias que o aluno usa para explorar seu ambiente.
- b) Que tipo de objeto observa e explora.
- c) Que reação manifesta.
- d) Que tipo de curiosidade tem.

- e) Como é que o aluno comunica vontades, desejos e necessidades.
- f) Se o aluno tem algum comportamento que interfere na aprendizagem (descrever o comportamento). Quando e o que ocorre? Com que frequência? O que o aluno obtém com esse comportamento?
- g) Que atitude do professor é mais positiva e eficiente para o aluno, confirmando que ele entendeu a resposta? (como por exemplo: tocar no aluno).
- h) Como o aluno reage aos recursos como: óculos, cadeira de rodas, aparelho auditivo, andador etc.

### **7.1.3. Como o aluno recebe e processa informações**

O professor deve estar atento para:

- a) Observar como o aluno processa a informação e qual é seu sentido de preferência (por exemplo: tátil, auditivo, olfativo, visual e cinestésico) ou combinação de dois ou mais sentidos?
- b) Observar o tempo necessário para o aluno processar a informação em diferentes situações.
- c) Observar como o aluno se comporta em ambientes familiares e desconhecidos, e de quanto tempo precisa para se adaptar aos novos ambientes.
- d) A generalização de habilidades pode ser muito difícil para alguns alunos. Neste sentido, é importante conhecer se o aluno é capaz de generalizar habilidades em novas situações e com novos objetos.
- e) Quais os posicionamentos que ajudam a criança a ser mais eficaz na realização das atividades específicas. Esses posicionamentos devem ser alterados? Existem algumas posições que devem ser evitadas? Quais?

### **7.1.4. Como é a atenção do aluno**

- a) Quando está atento, responde? Em que condições, com quem e em que atividades? Por quanto tempo consegue prestar atenção na atividade? Tem preferência só por um tipo de atividade?
- b) Em que período do dia se mostra mais atento? As condições de luz interferem ou favorecem? Quais características sensoriais (tato, visão, audição, olfato, movimento) da atividade o aluno prefere?
- c) A atenção do aluno é melhor quando tem: contato visual, gestos, sons, tato, fala, ajuda física ou a combinação de alguns destes itens?

- d) O aluno se distrai com: sons que ocorrem à sua volta, a intensidade da iluminação, a disposição do espaço em que se desenvolve a atividade, com estímulos visuais, auditivos, táteis ou do excesso desses estímulos? Em que situações isso acontece? Quando isso ocorre, como retoma a sua atenção para que estava fazendo?
- e) Como o aluno usa a visão e ou audição em diferentes situações e atividades?

### 7.1.5. Que tipo de ajuda é mais eficaz para o aluno

- a) Para aprender um novo comportamento ou na mudança de atividades precisa de recursos: táteis, visuais, gestuais, auditivas, fala e outras.
- b) **Mão sobre mão:** a mão do educador é colocada em cima da mão do aluno, de forma a orientar o seu movimento, o educador tem o controle da situação.
- c) **Mão sob mão:** a mão do educador é colocada em baixo da mão do aluno de modo a orientar o seu movimento, mas não a controla, convida a criança a explorar com segurança.

## 7.2. Programa Educacional

O professor e a família são os principais elementos para a educação da criança. A família é parte integrante da equipe e deve ser a mais ativa possível no processo educacional. Eles não se sentirão sós, quando todos elementos da equipe escolar partilham desse processo educacional.

A criança aprende mais eficazmente quando a aprendizagem é integrada nas atividades de vida diária. O sucesso nesta aprendizagem depende da parceria entre educador e a família, por isso é fundamental a colaboração de todos (professor, familiares e profissionais) em uma abordagem transdisciplinar.

O educador e a família devem procurar oferecer condições para que a criança seja o mais independente possível nos ambientes onde se encontra inserida. Para algumas crianças, isto só é viável com auxílio de equipamentos especiais. Exemplo: cadeira de rodas, sistemas alternativos de comunicação e outros. É, também, necessário muita criatividade e tolerância para ensiná-lo as atividades de vida diária, mesmo que seja uma pequena parte. É muito importante que o aluno consiga completar a atividade segundo suas possibilidades. O educador precisa criar oportunidades de sucesso para o aluno, evitando situações de frustração.

## 7.2.1. O Papel do Educador

- Ter consciência, da individualidade da criança proporcionando a ela que participe dentro das suas possibilidades de entendimento, da discussão sobre assuntos relacionados a sua educação.
- Oferecer à criança oportunidades de experimentar alguns riscos naturais deixando-a fazer coisas por si própria.
- Selecionar materiais e atividades adequadas a idade cronológica da criança, mesmo que esta funcione a níveis mais elementares em termos de desenvolvimento.
- Ter uma visão positiva sobre a educação das crianças surdocegas e múltiplas deficientes sensoriais.
- Esclarecer o aluno quando uma atitude ou uma tarefa não é adequada. Colocar limites é prepará-lo para a vida social. Neste sentido, é fundamental elogiá-lo quando as realiza as atividades propostas com êxito.

## 7.2.2. Ambiente de aprendizagem

- Proporcionar um ambiente para que o aluno possa ser ativo, promovendo o seu aprendizado, ou seja, ambientes que convidem e promovam respostas.
- Envolver o aluno numa aprendizagem ativa levando-o a ter controle sobre seu ambiente e que possa começar a se interessar pelo mundo a sua volta.
- Ter uma abordagem multisensorial na qual todos os sentidos deverão ser estimulados de uma forma que incorporem uma intervenção integrada, encorajando a criança a explorar o mundo à sua volta.
- Priorizar habilidades funcionais. Estas são fundamentais para alunos surdocegos, dada a idade e as dificuldades que podem apresentar na generalização de comportamentos. Quanto mais funcional for o programa, mais possibilidades de êxito o aluno terá, pois mais facilmente compreenderá o seu significado. As habilidades funcionais devem ser ensinadas em situações naturais e contextualizadas.
- Propor experiências concretas que permitam ao aluno ter sucesso, devendo as atividades ser adequadas as suas capacidades e interesse. Para tanto, utilizar objetos reais para compreender os conceitos básicos, fundamentados em fatos reais e significativos para o aluno, posteriormente, poderá ser utilizadas representações mais simbólicas quando houver possibilidades.
- Considerar o tempo necessário para realização das experiências. É necessário repetir várias vezes para possibilitar

a compreensão e retenção da informação. Obs: É a memória que nos permite imaginar que podemos voltar a fazer a mesma coisa várias vezes. Devido a isso as experiências devem ser significativas, em quantidade suficiente para que o aluno tenha oportunidade de praticá-las.

Criar um ambiente que estimule o desenvolvimento do aluno, ou seja:

- Estruturar um ambiente físico de modo que o aluno possa desenvolver todo o seu potencial. Ao preparar um espaço considere fatores como: iluminação, acústica, disposição física de materiais e equipamentos. Alguns alunos necessitam de previsibilidade nas suas rotinas para compreender o mundo.
- Preparar uma rotina na qual as expectativas sejam claras e consistentes, mas também é necessário que sejam flexíveis e aprendam a adaptar-se às mudanças que ocorrem no mundo.

### **7.2.3. Centrar-se no aluno**

- Através da observação, o educador poderá conhecer as preferências e interesses particulares de seu aluno em diferentes atividades e suas preferências a determinados objetos, isto permite estruturar o seu dia a dia, selecionar o vocabulário, reforçar e compreender o que o aluno quer.
- Respeitar o tempo do aluno na elaboração de suas respostas; no processo de focalizar sua atenção e de explorar os materiais. Somente depois da exploração do aluno é que o educador irá explicar como será desenvolvida a atividade. Os alunos precisam de tempo para dar sentido ao que acontece a sua volta. As mudanças de materiais e recursos, a alteração da seqüência das atividades e da rotina diária, a reorganização da disposição de mobiliário, são ações que devem ser realizadas gradualmente para que o aluno não fique confuso.

### **7.2.4. Conhecer a história médica do aluno**

- É importante ter acesso as informações e recomendações médicas, antes de começar a intervenção com o aluno. As informações poderão contribuir com a elaboração do programa educacional do aluno.

### **7.2.5. Adaptações necessárias**

- É importante adaptar os materiais ou equipamentos. Geralmente o aluno surdocego com dificuldades motora e cognitiva tem afetada diretamente a sua capacidade para explorar o ambiente. O educador poderá fazer adaptações nos objetos, brinquedos para que o aluno tenha acesso e sucesso.

### **7.2.6. Currículo**

- É importante ter um planejamento centrado na pessoa. O currículo funcional ecológico permite aos alunos surdocegos sucesso no seu desenvolvimento de aprendizagem e ao longo da vida.

# Referências Bibliográficas

- AMARAL, Isabel. A educação de estudantes portadores de surdocegueira. In: MASINI, Elcie F.S. (org.). Do sentido... pelos sentidos...para o sentido. São Paulo: Vetor editora. 2002.pp. 121-144.
- AMARAL, Isabel. Comunicação com crianças surdocegas. In: II Congresso Ibero-Americano de Comunicação alternativa e aumentativa. Viña del Mar-Chile. 1996
- BLOOM, Ylana, Object symbols: a communication option. Monograph series, number 1, The Royal New South Walls Institute for Deaf and Blind Children-Uk.
- BRASIL, Ministério da Saúde. Fundação Nacional e Saúde. Manual de Vigilância para Erradicação do Sarampo e para o Controle da Rubéola. 1a ed. Brasília: Fundação Nacional de Saúde. 2001
- BRONFENBRENNER, Urie. A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados. Porto Alegre : Artes Médicas. 1996.
- CADER, Fatima A.A.A. & COSTA, Maria P.R. da. Mediação pedagógica no processo de desenvolvimento da comunicação: um estudo de intervenção com crianças surdocegas. In: Curso ministrado na XXX - Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia. Brasília. 2000c. (artigo submetido à Revista Temas em Psicologia).pp.1-33.
- CADER-NASCIMENTO, Fatima A.A.A. Mediação pedagógica no processo de desenvolvimento da comunicação receptiva e expressiva da criança surdocega. Texto de qualificação do doutorado apresentado ao Programa de Pós-graduação em Educação Especial - UFSCar. 2002.
- CAICEDO, Glória Rodriguez, Lecturas selectas sobre educación para sordociegos. San Rossé -Costa Rica, Editado por Perkins School for the blind. Sem data de publicação.
- DANTONA, Robert. (1977) Centros e Serviços para crianças surdas-cegas nos Estados Unidos: organização e operação. São Paulo: Anais do I - Seminário Brasileiro de Educação de Deficiente Audiovisual. I - SEDAV-ABEDEV. 1977. pp. 1-10.
- FREEMAN, P. El bebé sordociego. Um programa de atención temprana. Madrid: Editora Espanhola - ONCE, 1991.
- GOETZ, L.; GUESS, D.; STRENEL-CAMPBELL, K. Innovative Program design for individuals with dual sensory impairments. Baltimore, MD: Paul H. Brookes. 1987. Traducción: Antonio Ballesteros Jaraiz.1987.

- GOMES, M.R. O cidadão surdocego: socialização e escolaridade. Rio de Janeiro. Anais do Seminário do INES. Surdez: diversidade social. 2001. pág.91-95.
- GRUPO BRASIL DE APOIO AO SURDOCEGO E AO MÚLTIPLO DEFICIENTE SENSORIAL- Panfletos de divulgação: Formas de comunicação.
- GRUPO BRASIL DE APOIO AO SURDOCEGO E AO MÚLTIPLO DEFICIENTE SENSORIAL. Toque mãos que falam. Ano II, no. 2, outono/inverno/2000.
- GRUPO BRASIL DE APOIO AO SURDOCEGO E AO MÚLTIPLO DEFICIENTE SENSORIAL. Toque mãos que falam. Ano II, no. 3, primavera/verão/2000.
- GRUPO BRASIL DE APOIO AO SURDOCEGO E AO MÚLTIPLO DEFICIENTE SENSORIAL. Toque mãos que falam. Ano II, no. 4, primavera/verão/2001.
- GRUPO BRASIL DE APOIO AO SURDOCEGO E AO MÚLTIPLO DEFICIENTE SENSORIAL. Surdocegueira: o futuro é agora! In: Revista da Feneis, ano IV, n.13, janeiro/março. pp. 14-15. 2002.
- JURGENS, M.R. Confrontation between the young deaf-blind child and the outer world. Introdução by J. van Dijk. Amsterdam and Lise: Sewets & Zeitlinger B.V. 1977.
- KIRK, S. A., GALLAGER, J.J. Educação da criança excepcional. 2a ed. São Paulo: Martins Fontes. 1991.
- LAGATI, S. Deaf-Blind or Deafblind International Perspectives on Terminology, p. 306. Journal of Visual Impairment & Blindness - May-June 1995. Tradução: Laura L.M.Ancilotto, Projeto Ahimsa/Hilton Perkins, 2002.
- LAW, James. Distúrbios da linguagem na criança. Rio de Janeiro : Editora Revinter Ltda. 2001.
- LEUW, Lieke de, Usher Syndrome, Instituut Voor Doven/ Holanda - Apostila.
- MAIA, Shirley R. A Educação do surdocego. Rio de Janeiro: Anais do Seminário Surdez desafios para o próximo milênio - INES. 2001. pp.53-56.
- MAIA, Shirley R. A Educação do surdocego - Diretrizes Básicas para pessoas não especializadas. Dissertação de Mestrado - Universidade Presbiteriana Mackenzie. 2004.
- McINNES, John M., e TREFFRY, Jacquelyn A. Guia para o desenvolvimento da criança surdocega. Tradução: Mary Inês R. M. Loschiavo. São Paulo: AHIMSA. 1997.
- MONTEIRO, Margarida A. Surdez-cegueira. Revista Benjamin Constant, n.3, 1996. p.12-20.

- MUNROE, S. Estudo das manifestações tardia da rubéola congênita no Canadá. Tradução Maria Inês Pertesen. Curitiba: CENTRAU. 1999.
- NATIONAL JOINT COMMITTEE FOR THE COMMUNICATION NEEDS OF PERSONS WITH SEVERE DISABILITIES. Guidelines for the Meeting the Communication with Severe Disabilities. ASHA, 34 March, supp.7). pp. 1-8. 1992.
- NUNES, Maria Clarisse Alexandrino- "Aprendizagem Activa na Criança Multideficiente com Deficiência Visual, um guia para Educadores". CIDADE: EDITORA. 2000.
- ORELOWE, F. SOBSEY, R. N. Educating Children with multiple disabilities a transdisciplinary approach. 2a. Edition. CIDADE.: Paul Books Puble.Co. 1991
- PERTENSEN, M. Inês; SANTOS, Marilene - Monografia: A Comunicação no mundo do silêncio e da escuridão - 1 bepex - Instituto Brasileiro de Pos-graduação e Pesquisa - Paraná, Curitiba. 2000.
- STILLMAN, Robert A. Y Battle, CHRISTY w. Developing prelanguage Communication in severely handicapped: a n interpretation of the Van Dijk Method Seminars in speech and language August 1984 Vol. 5 p 159-170.
- TELFORD, C.W.; SAWREY,J.M. O indivíduo excepcional. 5a.ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1988.
- VAN DIJK, Jan. Learning Difficulties and deaf/blind children, in proceedings of the. Fourth International Conference On Deaf Blind Children. Watertown, Mass: Perkins School For The Blind. 1971.
- VAN DIJK, Jan. Rubella Handicapped Children. London: Sweets and Zeitlinger. 1968.
- VIGOTSKI, Liev S.; LURIA, Alexander R.; e LEONTIEV, Alex N. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. 5ª ed. São Paulo: Ícone: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.
- Van DIJK, Jan. Movement and communication with rubella children. Madrid: ONCE. Tradução: Dalva Rosa - In: Conferência na reunião geral anual da Organização Nacional de Cegos da Espanha : AHIMSA. 1968.
- WRITER, Jan. A movement-based approach to the education of students who are sensory impaired/multihandicapped. In: GOETZ, L.; GUESS, D.; STRENEL-CAMPBELL, K. Innovative Program design for individuals with dual sensory impairments. Baltimore, MD: Paul H. Brookes. 1987. Traducción: Antonio Ballesteros Jaraiz. 1987.pp.191-223.

patrocínio:



parceria:



realização:



Tel.: 11 5579-5438 Fax: 5579-0032  
Rua Baltazar Lisboa, 212 - Vila Mariana  
CEP: 04110-060 - São Paulo - SP  
[www.grupobrasil.org.br](http://www.grupobrasil.org.br)  
[contato@grupobrasil.org.br](mailto:contato@grupobrasil.org.br)